



48

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2017

Francisco Bethencourt, *Racismos: Das Cruzadas ao Século XX*. Temas e Debates, Lisboa, Círculo de Leitores, 2015, 582 p.

A presente obra da autoria de Francisco Bethencourt, professor titular da cátedra Charles Boxer de História no King's College de Londres, é o produto de nove anos de trabalho do historiador. Iniciada em 2004/5 foi dada à estampa em 2013, pela Princeton University Press com o título original *Racisms – From the Crusades to the Twentieth Century*.

Foi trazida a público com o intuito de esclarecer as origens do conceito de racismo, as diferentes formas que este adquiriu ao longo do tempo (nos diversos contextos sociais, políticos e económicos), e demonstrar que o racismo não é uma prática linear instalada na cultura das sociedades ocidentais. Pretende ainda comprovar que “o racismo enquanto preconceito étnico associado a ações discriminatórias foi motivado por projetos políticos” (p. 18). Como âmbito cronológico deste estudo o autor definiu a época das Cruzadas (século XI) até ao século XX, explicando que a geografia do estudo se centra no mundo ocidental atendendo ao facto de a Europa possuir um registo mais consistente, não dispensando contudo a comparação com outras partes do mundo.

O livro compreende, além da introdução e da conclusão, dezanove capítulos (cronologicamente organizados, desde a Grécia Antiga até à Ásia contemporânea), contendo ainda ilustrações e mapas. O autor optou por agrupar os dezanove capítulos da obra em cinco grandes partes que intitula: a primeira “As Cruzadas”; a segunda a “Exploração Oceânica”; a terceira as “Sociedades Coloniais”; a quarta “Teoria das Raças”, e a quinta “Nacionalismo e Mais Além”.

Na “Introdução” da obra o autor informa, detalhadamente, o leitor sobre o objeto de estudo e os problemas (os iniciais e os que se foram levantando ao longo da pesquisa), as fontes que suportam as suas teses, bem como as metodologias, critérios e conceitos utilizados ao longo do estudo. Deixando antever o constante diálogo, quer com as fontes, quer com a bibliografia. No que respeita às fontes, refere a utilização de fontes primárias, tanto escritas, como iconográficas, recorrendo ao seu confronto para sustentar a sua tese. Quanto à bibliografia, apresenta as opiniões de diversos autores manifestando a sua, devidamente argumentada e sustentada.

A primeira parte da obra dedica-se à expansão da Europa latina através do fenómeno das Cruzadas, destacando a complexidade e o impacto das mesmas a vários níveis, nomeadamente o geográfico, com os processos de conquista e integração de territórios, e social, através de migrações bem como da inclusão ou segregação e discriminação das populações autóctones, salientado que este último aspeto acarretou o implantar de “novas e velhas perceções de diferentes

povos, as quais viriam a dar forma às classificações e às hierarquias” (p. 28). É, essencialmente, este o cerne do presente capítulo: tratar o contexto e o impacto das Cruzadas na sociedade e as suas percepções, desde a Grécia Antiga, passando pelas invasões bárbaras e pelo expansionismo muçulmano, uma vez que o autor considera que a origem de muitos dos preconceitos radica em tempos remotos. Ainda nesta parte, destaca um importante conflito ideológico entre a vertente universalista da Igreja e os conflitos de interesses locais, resultando no subjugar das populações e no acentuar dos preconceitos étnicos com base na religião.

A segunda parte, servindo-se “da personificação quincentista das quatro partes do mundo” (p.99) para estruturar os capítulos aqui inseridos, tem como fim analisar as percepções europeias relativamente aos povos asiáticos, americanos e africanos, norteando-se pela linha dos estereótipos que os caracterizam de modo a perceber a dinâmica dos preconceitos associados à descendência étnica. O autor pretende, através de vários exemplos, elucidar o leitor sobre a visão europeia dos povos e da humanidade nos primórdios da Época Moderna. Esta parte do estudo tem, ainda, como finalidade apurar três aspetos: o primeiro prende-se com a necessidade, ocorrida no século XVI, de classificação da diversidade humana existente nas várias partes do mundo, de modo a conferir uma “organização” ao caos decorrente dos novos contactos civilizacionais promovidos pela expansão marítima; o segundo ponto centra-se na análise da evolução dos critérios que presidiram à identificação dos povos das várias partes do mundo; e o terceiro foca-se em perceber o papel da descendência e da divisão entre castas, tendo como ponto de partida a importância atribuída à questão da descendência dentro da comunidade cristã. Salienta-se a interessante e útil utilização do frontispício do primeiro atlas impresso, *Theatrum Orbis Terrarum* (A. Ortélio, 1570), para explicar o início da história da personificação das quatro partes do mundo e, por conseguinte, dos seus povos, estabelecendo uma hierarquia muito explícita dos continentes, que se percebe desde logo pela análise da iconografia (de destacar que o autor incluiu um apêndice com as fontes iconográficas para as quais remete durante o estudo).

“Sociedades Coloniais” é o título da terceira parte da obra onde o autor discorre sobre as sociedades coloniais, desde o século XVI até ao século XIX, partindo da análise dos processos de “conquista, transferência de populações e construção de novas sociedades, definidos pela supremacia branca” (p. 29). Neste ponto o autor investiga o percurso da classificação dos povos, partindo das condições de cada contexto, referindo os projetos políticos que lhes estão associados, através das políticas de segregação e discriminação, adotadas pelas principais potências coloniais europeias, nomeadamente Portugal, Espanha, França, Holanda e Grã-Bretanha, tratando ainda a questão do abolicionismo.

Na quarta parte da obra dedica-se ao estudo das “Teorias de Raça”, analisando as mesmas em articulação com o seu impacto na sociedade e nas políticas adotadas nos séculos XVIII e XIX. Neste ponto do estudo, o autor debruça-se sobre a ligação entre a história da ciência, com as referências aos grandes pensadores (e suas teses da teoria das raças) iniciando-se com os estudos de Lineu sobre a taxonomia e referindo as grandes dificuldades sentidas na definição de cada raça. Seguidamente, aborda o racionalismo científico que caracterizou o século XIX, um aspeto que, no seu entender, permite perceber a estreita ligação entre as formas de classificação e os projetos políticos. Para tal recorre ao evolucionismo de Charles Darwin que quebrou com a anterior discussão entre poligenistas e monogenistas, relativamente à criação, salientando, todavia que, a tese de Darwin acabou por ser convertida “num sistema de ideias acerca da evolução social e numa visão hierárquica das diferentes fases da humanidade” (p. 30).

Através da leitura da derradeira parte do estudo, “Nacionalismo e Mais Além”, o leitor fica ciente da real influência das teorias raciais na construção de projetos nacionais, nomeadamente através da criação de políticas raciais, por parte de alguns países (como Alemanha e Itália), como forma de se afirmarem perante os grandes impérios da época, como o Império Otomano, Russo e Austríaco. Com a emergência dos nacionalismos surgiram novos projetos políticos que conduziram à formação de novas identidades, construídas com base na divisão de Estados já existentes (ou não), mas que, anteriormente, se regiam por uma lógica imperial. Toda esta dinâmica de reorganização, tanto a nível político, como social, teve as suas repercussões sobre os preconceitos étnicos, o que promoveu a implementação de políticas de exclusão. É ainda de salientar que a vertente nacionalista teve o seu impacto fora da Europa, sendo de notar os casos da América ibérica, do continente africano e da Ásia.

Em jeito de conclusão, diria que se trata de uma obra altamente recomendada para qualquer tipo de leitor, académico ou não. Além de inovadora, muito bem documentada, e estruturada e com um grande alcance temático e cronológico é reveladora de uma notável capacidade de relacionar acontecimentos e fontes, bem como de colocar questões a estas últimas, de fácil leitura e que cativa o público e o esclarece sobre esta grande, e atual, questão que é o racismo.

MARIANA RAMOS FONSECA

Mestranda em História Moderna
na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

mariana613@sapo.pt